ECONOMIA

Por **FABIANO BELLATI**

Fabiano Bellati é comentarista de Economia e Política Internacional, Mestre em Relações internacionais e Estudos Europeus pela Universidade de Évora em Portugal, Mestre em Administração de Empresas pelo Unisal, escritor e consultor. Como professor Universitário passou pelas principais universidades brasileiras nas áreas de gestão, economia e marketing.

O Desafios da Economia Brasileira em 2025: Um Caminho Entre Incertezas e Possibilidades

O ano de 2025 encontra o Brasil diante de um cenário econômico marcado por desafios complexos, que exigem decisões políticas firmes e estratégias de longo prazo. A economia brasileira, apesar de apresentar avanços pontuais nos últimos anos, continua sofrendo com problemas estruturais que comprometem seu crescimento sustentado e o bem-estar da população.

Após um crescimento modesto de 2,4% em 2024, o país caminha para uma desaceleração em 2025, com projeções entre 1,6% e 2,0%, segundo analistas do mercado financeiro. A confiança dos investidores e da população, embora tenha se mantido estável por um tempo, está sendo pressionada por uma combinação de juros altos, incertezas fiscais, instabilidade política e tensões no comércio internacional.

Desafios Fiscais e a Dívida Pública

A questão fiscal continua sendo o calcanhar de Aquiles da economia brasileira. A dívida pública bruta já ultrapassa 75% do Produto Interno Bruto (PIB), e há crescente preocupação quanto à capacidade do governo de cumprir as metas estabelecidas pelo novo arcabouço fiscal. Em maio, a agência de classificação de risco Moody's rebaixou a perspectiva do Brasil de "positiva" para "estável", sinalizando ao mercado que os esforços do país para reequilibrar suas contas públicas ainda são insuficientes.

Apesar da aprovação de um pacote de ajuste fiscal no fim de 2024, que incluiu medidas como o aumento de impostos sobre setores específicos e cortes em subsídios, o impacto ainda é limitado. A rigidez orçamentária, com cerca de 90% das despesas classificadas como obrigatórias, torna difícil qualquer tentativa de reorganizar as finanças públicas sem reformas estruturais, como a administrativa e a tributária, ambas paralisadas no Congresso.

Inflação, Juros Altos e o Consumo Interno

A inflação brasileira deu sinais de controle em relação aos picos registrados em 2022 e 2023, quando os choques de oferta global e a guerra na Ucrânia pressionaram preços no mundo inteiro. No entanto, a inflação de serviços segue resistente, exigindo uma postura cautelosa do Banco Central. A taxa básica de juros, a Selic, permanece elevada, em torno de 13,75% ao ano, o que representa um dos maiores entraves para a retomada dos investimentos produtivos e do consumo das famílias.

Empresários relatam dificuldades crescentes em obter crédito para expandir operações ou contratar novos trabalhadores. A combinação de juros altos, endividamento das famílias e desemprego estrutural cria um ambiente de estagnação para o consumo interno — tradicional motor da economia brasileira. Essa realidade é ainda mais grave em regiões menos desenvolvidas, onde o acesso ao crédito é mais restrito e a informalidade atinge níveis preocupantes.

Comércio Exterior e Pressões Externas

No cenário internacional, o Brasil enfrenta obstáculos adicionais. A queda nos preços das commodities, especialmente soja, minério de ferro e petróleo, impacta negativamente a balança comercial. O real desvalorizado, embora beneficie exportadores em parte, aumenta os custos de importações, pressiona a inflação e reduz a margem de competitividade da indústria nacional, que já sofre com problemas de produtividade e inovação.

Além disso, tensões comerciais globais e o aumento de barreiras protecionistas em mercados estratégicos como Estados Unidos e União Europeia impõem desafios às exportações brasileiras. O acordo Mercosul-União Europeia, por exemplo, continua travado, e há crescente cobrança por compromissos ambientais mais rigorosos, que afetam diretamente setores como o agronegócio.

Indústria, Infraestrutura e Competitividade

O setor industrial brasileiro, que já representou mais de 25% do PIB, hoje responde por pouco mais de 10%. A falta de políticas industriais de longo prazo, aliada à elevada carga tributária, à logística ineficiente e à baixa qualificação da mão de obra, torna a recuperação do setor um desafio urgente. Empresas que operam no Brasil enfrentam custos elevados para produzir, distribuir e competir globalmente.

A infraestrutura brasileira, embora tenha melhorado em alguns segmentos, como telecomunicações e energia renovável, ainda apresenta gargalos graves em transporte, armazenamento e saneamento. O investimento público permanece aquém do necessário, e a participação do setor privado, por meio de concessões e parcerias público-privadas, ainda é limitada por insegurança jurídica e excesso de burocracia.

Desigualdades Regionais e Sociais Persistentes

A desigualdade social e regional permanece como uma das marcas mais visíveis da economia brasileira. O Norte e o Nordeste continuam apresentando os piores indicadores de renda, emprego, educação e acesso a serviços públicos. A mobilidade social no Brasil está estagnada, e a concentração de riqueza se agravou após a pandemia.

Os programas de transferência de renda, como o Bolsa Família, têm mitigado parte da pobreza extrema, mas não resolvem problemas mais profundos, como a informalidade no mercado de trabalho e o déficit educacional. Sem políticas públicas de longo prazo voltadas à inclusão produtiva e ao desenvolvimento regional, o Brasil continuará a ser um país de oportunidades restritas para a maioria de sua população.

Oportunidades e Caminhos Possíveis

Apesar das dificuldades, o Brasil possui potencial significativo em áreas estratégicas. A transição energética global favorece o país, que possui uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. Investimentos em energia solar, eólica, hidrogênio verde e biocombustíveis têm atraído atenção de investidores internacionais e podem gerar milhares de empregos nos próximos anos.

O setor de tecnologia também se destaca, especialmente no eixo Sul-Sudeste. Startups brasileiras nas áreas de fintechs, agritech e saúde digital têm conquistado espaço no cenário internacional. Para que esse crescimento se espalhe por outras regiões, no entanto, é necessário investir em educação de qualidade, conectividade digital e ambiente regulatório mais moderno e competitivo.

O Brasil de 2025 está diante de uma encruzilhada histórica. Os desafios são grandes, mas as possibilidades também o são. A superação da crise fiscal, o controle da inflação sem sacrificar o crescimento e o combate às desigualdades sociais exigem ação coordenada entre os poderes da República, o setor privado e a sociedade civil.

É preciso ir além das medidas emergenciais e construir um projeto de país que promova crescimento econômico com inclusão social, sustentabilidade ambiental e inovação. O futuro do Brasil dependerá, sobretudo, da capacidade de transformar suas fragilidades em alicerces para um novo ciclo de desenvolvimento duradouro e justo.